

PFROMM NETTO, S. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Editora Pioneira, 1968.

PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

SILVA, C.B.B. da *Elaboração de um instrumento para avaliar níveis de pensamento através da interpretação de provérbios*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1987.

onde foi publicado?

## NOVOS CAMINHOS DA PSICOLOGIA ESCOLAR BRASILEIRA\*

Solange Wechsler  
PUCCAMP

Raquel Souza Lobo Guzzo  
PUCCAMP

### RESUMO

WECHSLER, S. e GUZZO, R.S.L. *Novos caminhos da psicologia escolar brasileira*. *Estudos de Psicologia*, 10(3): 21 - 40, 1993

O propósito deste trabalho foi o de traçar o perfil do psicólogo escolar brasileiro. Com esta finalidade foi realizada uma pesquisa com 139 participantes do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar, realizado em 1991. O questionário utilizado como instrumento avaliou áreas de formação, experiência, atuação e percepções quanto à importância de diversos conteúdos teóricos e práticos para o desenvolvimento da psicologia escolar. Os resultados obtidos demonstraram que existe uma nova trajetória na psicologia escolar brasileira, priorizando modelos mais grupais do que individuais, e estratégias mais preventivas ao invés de curativas. Foram também propostos novos conteúdos a serem incluídos para a formação do profissional e demonstrada a necessidade de maiores aprofundamentos em conteúdos já existentes, baseados nas necessidades práticas dos profissionais já no campo há vários anos.

**Palavras-chave:** psicologia escolar brasileira, estratégias em psicologia escolar, formação psicólogo escolar

### INTRODUÇÃO

Frente à grave realidade do sistema educacional brasileiro, que se reflete através das altas taxas de evasão e repetência, cabe perguntar qual é a contribuição que a psicologia escolar pode dar para a solução ou redução deste fenômeno. De que maneira atuar? Qual é o modelo mais adequado para ser utilizado pelo psicólogo escolar que atua dentro das circunstâncias sócio-econômicas limitadoras do ensino público brasileiro?

\* Os autores agradecem a colaboração de Soely Polydoro e José Roberto Napolitano na análise e síntese dos dados deste trabalho.

Estas são as questões centrais para as quais têm-se voltado aqueles que se dedicam à psicologia escolar no Brasil. Os problemas que permeiam a atuação deste profissional são colocados desde a sua formação, e os parâmetros para a sua atuação são procurados dentro de um âmbito internacional, a fim de subsidiar um modelo mais amplo de intervenção.

A nível internacional (ELLIOT e WITT, 1986) a concepção que se tem do psicólogo escolar é a de um profissional que, de acordo com a sua formação e experiências subseqüentes, trabalha para melhorar o processo ensino-aprendizagem em seu aspecto global: cognitivo, emocional e social, através de ações ou serviços oferecidos a indivíduos, grupos, famílias e organizações.

Existe também consenso internacional (REYNOLDS e GUTKINS, 1982) referente à atuação do psicólogo escolar que pode abranger uma ampla gama de serviços, tais como: prevenção, consultoria, intervenção, orientação psico-pedagógica, treinamento, ensino, supervisão, avaliação psicológica, desenvolvimento organizacional, coordenação de programas de estimulação ou reabilitação, aconselhamento vocacional e pesquisa. Estas atuações podem ser feitas de forma individual, grupal, institucional ou em equipes multidisciplinares.

Estas descrições sobre a atuação do psicólogo escolar apresentam um profissional altamente preparado para atuar em diversos contextos educacionais. Entretanto, este não é o perfil do psicólogo escolar brasileiro descrito nas pesquisas realizadas sobre este assunto (WITTER, 1987; SANT'ANNA, 1984; GUZZO, 1987; WECHSLER, 1989).

Nos trabalhos sobre o psicólogo escolar brasileiro é relatado que este profissional não atua de maneira adequada à realidade do país. A origem das suas deficiências ou limitações é atribuída ao currículo universitário de psicologia, que se propõe a preparar no Brasil, um profissional para atuar em qualquer especialidade desta área, após cinco anos de estudo. Todavia, o ensino universitário de psicologia é considerado como estando mais voltado para um modelo de atuação clínica do que educacional, mais voltado para o patológico do que para a saúde mental, apresentando uma grande preponderância de estágios na área clínica, e inexistência em muitos cursos, de estágios na área escolar, segundo BASTOS (1988) e WECHSLER (1989).

Em levantamento nacional realizado pelo órgão regulamentador de classe no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (1988) tentou-se avaliar as características do psicólogo brasileiro. Através destes dados pode-se também obter uma melhor compreensão sobre o profissional que se dedica à área escolar no país.

Nesta pesquisa, pode-se observar que grande parte dos psicólogos escolares brasileiros (58%) descrevem a sua formação universitária como

sendo bastante deficitária ou limitada. Entretanto, constata-se que estes profissionais não procuram cobrir estas lacunas com cursos de extensão após a sua graduação. Os temas de cursos relacionados pelos entrevistados para reciclar após o curso universitário tendem a ser bastante similares aos de graduação, havendo preponderância de escolha por cursos sobre psicodiagnóstico (48%). Poucos são os psicólogos que mostram se interessar por tópicos em outras áreas tais como psicologia preventiva (3,2%), dificuldades de aprendizagem (0,9%), educação sexual (0,7%), criatividade (0,2%) e distúrbios neurológicos (0,2%) que não são, geralmente, abordados nos cursos de graduação (WECHSLER, 1989).

Tem sido constatado em trabalhos anteriores (WECHSLER e BENSUSAN, 1987) que o psicólogo escolar pode ser descrito como pouco interessado ou bastante desatualizado sobre o que está acontecendo no campo científico da psicologia. Apesar de não existir no Brasil um periódico dedicado exclusivamente à psicologia escolar, temos em torno de oito a dez revistas científicas brasileiras vinculadas aos institutos de psicologia de diferentes universidades, que divulgam estudos e pesquisas em psicologia, de uma maneira geral. Dentre os psicólogos escolares investigados, apenas 34% liam ou assinavam alguns destes periódicos.

A atuação do psicólogo escolar no Brasil tem também sido criticada por priorizar o indivíduo, esquecendo-se do aspecto grupal, e por utilizar modelos inadequados à realidade brasileira. Neste sentido, insere-se a crítica ao uso excessivo dos testes psicológicos na escola, que têm sido empregados mais numa abordagem clínica do que educacional, portanto não acrescentando muito a possíveis estratégias de ação dentro do contexto da escola (WECHSLER, 1989).

Todavia, os inúmeros questionamentos que vêm surgindo oriundos do descontentamento do público alvo, ou seja, da escola, e dentre os próprios profissionais que atuam com a psicologia escolar quanto às formas de melhor ajudar a educação brasileira, têm conseguido realizar algumas mudanças consideráveis nos últimos três anos. Tais mudanças ainda bastante sutis, pouco desenvolvidas ou divulgadas, estão conseguindo mostrar novas linhas de ações na psicologia escolar brasileira. Novas experiências e propostas curriculares estão sendo realizadas por diversas instituições acadêmicas. Modelos de ação em ambientes educacionais, não diretamente ligados à escola tradicional, começam a despontar. A criação da primeira Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), em 1988 em Brasília e no ano de 1991, a criação da Seção Nacional da ABRAPEE foi um início da organização dos psicólogos escolares que desejam melhorar a sua atuação.

De uma forma mais ampla, o nível de desenvolvimento da ciência da psicologia escolar brasileira foi constatado durante a realização do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Neste encontro, onde participaram mais de 400 psicólogos e educadores foram apresentados aproximadamente 160 trabalhos e realizadas 60 mesas redondas sobre as diferentes possibilidades de se atuar em psicologia escolar considerando-se as características culturais, e sócio-econômicas do país. Neste sentido, este evento foi uma excelente oportunidade para o psicólogo escolar brasileiro se congregarem, debater e confrontar o quanto tem podido realizar na sua prática, muitas vezes isolada, em um país com tamanha dimensão geográfica como o Brasil.

A possibilidade de traçar o perfil do novo psicólogo escolar brasileiro, ou do psicólogo que está emergindo através de todos estes questionamentos e buscas, foi o propósito desta pesquisa, que visou delinear as características deste profissional através de levantamento nacional realizado com os participantes do I Congresso em Psicologia Escolar, realizado em Valinhos (grande Campinas) em novembro de 1991.

## MÉTODO

### 1. AMOSTRA

A amostra foi composta de 139 pessoas, sendo 130 mulheres e 9 homens. As idades variaram de 20 a 58 anos, concentrando-se 85% dos indivíduos na faixa de 26 a 40 anos. Dentre os sujeitos, encontrava-se, aproximadamente, o mesmo número de pessoas solteiras e casadas (44% e 46%).

A maioria dos sujeitos provinha da região Sudeste do país (71%), sendo o restante oriundo das regiões: Norte (2%), Nordeste (13%), Centro-Oeste (9%) e Sul (5%).

### 2. INSTRUMENTO

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário que envolveu perguntas nas seguintes áreas: formação universitária (titulação e estágios), orientação teórica, atuação profissional (local de trabalho, atividades, tempo gasto em cada uma delas), dificuldades encontradas e sugestões para a melhoria da profissão.

Além disso foi pedido aos sujeitos que avaliassem, em uma escala Likert, a importância das seguintes áreas de conhecimento quanto à relevância para a atuação do psicólogo escolar: diagnóstico, intervenção, avaliação,

prática profissional, fundamentos psicológicos e fundamentos educacionais. Foi também pedido que se avaliasse a importância das seguintes atividades para a função do psicólogo escolar: diagnóstico psicoeducacional, consultoria, treinamento, intervenção (estratégias remediativas), avaliação de programas, prevenção, estimulação, pesquisa e auto-reciclagem.

### 3. PROCEDIMENTO

Os questionários a serem preenchidos foram distribuídos nas pastas de todos os participantes do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Um prazo de 5 dias, que correspondeu à duração do Congresso, foi dado para a sua entrega na secretaria do mesmo.

Dos 400 questionários distribuídos, houve retorno de 139, o que corresponde aproximadamente a 35% da população definida. Estimando-se que a média do retorno de questionários tende a ser 10% e que estes foram aplicados em uma situação com muitos concorrentes, como os de um Congresso, este índice pode ser considerado como sendo bastante satisfatório.

## RESULTADOS

*Tabela 1 - Formação Acadêmica*

TÍTULO	FREQ	(%)
Graduação em Psicologia	122	88
Bacharel	91	65
Especialização	54	39
Mestrado	31	22
Doutorado	10	7
Pós-Doutorado	1	1
Livre Docência	1	1

\* Os indivíduos podem estar em mais de uma categoria

Quanto à titulação acadêmica, 88% de nossa amostra tinham a graduação completa em Psicologia. Deste total, 65% possuíam o título de Bacharel, o que lhes permite, na legislação brasileira, o ensino de psicologia no 2º grau. O nível de especialização foi obtido por 39% da amostra, o mestrado por 22% e o doutorado por 7%. Os outros níveis, tanto em livre

